



Carta Aware

SETEMBRO 2023

Leia mais em nosso site: www.awaregestao.com

Estados Unidos

O soft landing volta ao radar.

Ainda atentos ao cenário externo e ao reflexo da política monetária nos dados de desemprego, os dirigentes do Fed, de forma unânime, mantiveram todo o ceticismo que já se tornou praxe por estar surtindo efeito e não alteraram a taxa de juros na última reunião do Comitê. A taxa de referências segue inalterada na faixa dos 5,25% a 5,5% ao ano, como já antecipado pelo mercado. Os membros do Fed ainda pontuaram que os indicadores recentes sugerem que as atividades econômicas estão se expandindo “a um ritmo sólido”. Espera-se uma manutenção da trajetória dos juros, ainda que caso haja indicadores suficientes justificando aumentos futuros, a hipótese não está descartada.

O vice-presidente para Supervisão do Federal Reserve (Fed), Michael Barr, avalia que há uma probabilidade maior do que antes de reduzir a inflação à meta de 2% sem provocar um aumento significativo do desemprego nos EUA. Na sua opinião, os indicadores econômicos do país têm sido apoiados por melhora nas cadeias de oferta, e por isso têm mostrado resiliência ao mesmo tempo em que a inflação recua. Ele espera que o BC tenha de manter juros altos em 2024 para atingir sua meta inflacionária. Assim, o crescimento da atividade deve ficar em um patamar abaixo da tendência.

Ao que tudo indica, a inflação irá sucumbir e os dados de emprego não estão prejudicando o processo. A grande incerteza se encontra na incapacidade da economia global de retomar crescimento, promovendo novas incertezas perante a robustez da demanda.

E esse impacto da fase prolongada de juros altos já reflete no mercado imobiliário. A procura por hipotecas nos EUA caiu para o nível mais baixo desde 1996, à medida que as taxas subiram para os níveis mais altos desde 2000, influenciadas pelo salto recente nos rendimentos dos Treasuries, disse a Mortgage Bankers Association (MBA). Um aumento generalizado das taxas prejudicou a procura tanto por aplicações de refinanciamento como de compra. Isso levou a um declínio no índice composto de mercado, que mede o volume de pedidos de hipotecas.

Europa

Lentamente o Velho Continente tenta estabilizar e reencontrar sua saúde econômica. Juros mais altos por mais tempo, tendência dos vizinhos norte-americanos, também se mostra a dura realidade.

O PMI composto da zona do euro, que engloba os setores industrial e de serviços, avançou de 46,7 em agosto para 47,1 em setembro, segundo dados preliminares divulgados pela S&P Global em parceria com o Hamburg Commercial Bank. O resultado surpreendeu analistas consultados pela FactSet, que previam declínio do PMI composto neste mês, a 46,3. Apenas o PMI de serviços da zona do euro subiu de 47,9 para 48,4 no mesmo período. O consenso da FactSet era de ligeira queda a 47,8.

Na perspectiva do economista-chefe do Instituto Internacional de Finanças (IIF), Robin Brooks, os preços "altamente anômalos" no mercado de títulos da zona do euro sugerem que o BCE pode intervir para segurar os rendimentos. Brooks destaca que juros dos títulos soberanos dos Estados Unidos e da Alemanha estão aumentando acentuadamente, enquanto rendimentos de bônus da Grécia e da Itália sobem em ritmo menor. Corroborando com a necessidade de intervenção, o PPI europeu caiu 11,5% em agosto ante igual mês do ano passado, acelerando a queda em relação ao declínio anual de 7,6% de julho, segundo dados publicados pela Eurostat. Analistas consultados pela FactSet previam recuo anual um pouco maior em agosto, de 11,6%. Em linha com a conjuntura, Christine Lagarde, presidente do BCE, reiterou que os juros da zona do euro terão de permanecer em níveis elevados por tempo suficiente para trazer a inflação de volta à meta oficial. Em setembro, a taxa anual de inflação ao consumidor da zona do euro estava em 4,3%, segundo dados preliminares.

Em território germânico, uma crise para se lembrar. E aprender.

A economia da Alemanha provavelmente encolherá no terceiro trimestre, uma vez que o setor industrial está em recessão e o consumo privado contribui pouco para o crescimento, disse o BC alemão em um relatório econômico mensal. "Apesar do ritmo um pouco mais lento dos aumentos de preços, dos fortes aumentos salariais e do mercado de trabalho bom, as famílias ainda estão segurando os gastos", disse o Bundesbank.

Sofrendo ainda mais do que os vizinhos europeus com a duradoura alta nos preços de energia devido à guerra na Ucrânia, a inflação ao consumidor na Alemanha subiu para 4,5% na comparação anual de setembro, abaixo do esperado (felizmente). O CPI alemão ficou abaixo da expectativa de analistas consultados pela FactSet, de avanço de 4,7%. Na comparação mensal, o CPI alemão subiu 0,3% em setembro, mesmo número do mês passado, mas abaixo da expectativa dos analistas, que previam avanço de 0,4% ante o mês anterior.

Sob a regência do monarca Charles e a administração do premiê Sunak, tardiamente, mas sem falhar, a economia britânica entrega algum sinal de vida pós crise.

Europa

(.../.)

O CPI inglês perdeu força em agosto, segundo dados divulgados pelo ONS, o escritório nacional de estatísticas. A inflação britânica recuou de 0,5% para 0,3% na comparação mensal e desacelerou de 6,8% para 6,7% nos 12 meses até agosto. Em ambos os casos, o indicador veio abaixo da mediana das projeções de analistas, que previam inflação mensal de 0,7% e taxa anualizada de 7,0%. Segundo o ONS, a maior contribuição de queda para o CPI no mês veio dos produtos alimentares, enquanto o aumento dos preços dos combustíveis no mês foi a maior influência de alta para a taxa anual. O núcleo do CPI, que exclui as variações de energia, alimentação, álcool e tabaco, teve alta de 6,2% em 12 meses até agosto, abaixo dos 6,9% de julho.

E para frear esse monstro nomeado inflação, existem efeitos colaterais. Até que ponto você está disposto a sacrifícios em prol do bem maior?

A taxa de desemprego no Reino Unido aumentou 0,5 ponto percentual no trimestre encerrado em julho, para 4,3%, informou o ONS. O aumento do desemprego no período foi em grande parte impulsionado por pessoas desempregadas há até 12 meses. A taxa de inatividade econômica aumentou 0,1 ponto percentual no trimestre, para 21,1% entre maio e julho de 2023. O aumento da inatividade econômica foi mais forte na faixa etária mais jovem, entre 16 e os 24 anos.

Ásia

China

E no nono mês, a China criou condições para a recuperação econômica.

O Escritório Nacional de Estatísticas da China divulgou o PMI da China. Em setembro, PMI do setor industrial de manufatura, o índice de atividade comercial do setor não industrial de manufatura e o índice de produção composto do PMI foram de 50,2%, 51,7% e 52%, respectivamente, em relação ao mês anterior, com um aumento de 0,5, 0,7 e 0,7 pontos percentuais, dos quais o sistema do PMI do setor industrial de manufatura retornou à zona de expansão após cinco meses. Dos 21 setores pesquisados, há 11 em que o PMI está localizado acima do limite, 2 a mais do que no mês passado. Entre eles, o PMI dos principais setores aumentou, o PMI da fabricação de equipamentos, o da fabricação de alta tecnologia e o da indústria de bens de consumo foi de 50,6%, 50,1% e 51,3%, com um aumento de 0,6, 0,7 e 0,3 pontos percentuais em relação ao mês anterior, situando-se na zona de expansão.

Firmes no ímpeto de devolver o crescimento ao povo chinês, o Banco do Povo da China (PBoC), informou que deve intensificar o apoio à economia do país, que, segundo a autoridade monetária, enfrenta graves desafios externos e o enfraquecimento da demanda interna. O banco central chinês disse também que tornaria a política monetária "precisa e enérgica" com o propósito de expandir a demanda e aumentar a confiança da economia. deve intensificar o apoio à economia do país, que, segundo a autoridade monetária, enfrenta graves desafios externos e o enfraquecimento da demanda interna. O banco central chinês disse também que tornaria a política monetária "precisa e enérgica" com o propósito de expandir a demanda e aumentar a confiança da economia. As medidas anunciadas pelo PBoC incluem a redução de pagamentos iniciais e das taxas de hipoteca para compradores de casas, como parte do esforço de Pequim para apoiar o mercado imobiliário, que está em queda. O banco central chinês reiterou ainda o compromisso de manter a liquidez razoavelmente ampla e manter a expansão estável do crédito para a economia. A autoridade monetária informou que vai orientar os bancos a reduzirem os custos de financiamento para empresas e famílias, ao mesmo tempo que apoiaria os credores na reposição de capital.

Ásia

Japão

De forma quase que inédita, o Japão está atento a alta, sim, alta, prolongada da inflação.

O presidente do BoJ, Kazuo Ueda, disse que a trajetória da inflação no país parece ainda não estar mostrando um direcionamento para a meta estipulada pela autoridade monetária, de 2%. “O alcance sustentável e estável da meta de inflação ainda não é perceptível”, afirmou o presidente do BC japonês. A taxa de inflação atual ficou em 3,2% e por enquanto o BC nipônico resolveu manter a taxa de depósito negativa em -0,1%. A política de controle da curva de rendimentos (YCC), que estabelece que o rendimento do bônus do governo japonês (JGB) de 10 anos possa oscilar entre -0,5% e 0,5%, também seguiu inalterada. O limite máximo dos rendimentos de 10 anos foi mantido em 1%, após o BoJ ter subido o teto de 0,5% para 1% em julho. Segundo o presidente do BC japonês, o aumento do teto de 10 anos veio para “melhorar a estrutura de relaxamento”. Ueda disse ainda que o “ciclo virtuoso” entre salários e preços está “gradualmente começando a funcionar”. Sobre o cenário internacional, Ueda afirmou ainda que o BoJ está atento ao rumo da economia da China, que vem dando sinais de arrefecimento. “Estamos preocupados com a desaceleração no ritmo de recuperação da economia chinesa”, disse.

Neste foco de impulsionar a economia, Ueda revelou ao mundo o planejamento de um novo pacote de estímulos. O pacote incluirá medidas para proteger as pessoas da inflação pressionada pelos custos, apoiar o crescimento sustentável dos salários e da renda, promover o investimento doméstico para estimular o crescimento, fazer reformas para superar a diminuição da população e incentivar o investimento em infraestrutura.

Justificando as preocupações do dirigente, o PMI composto japonês recuou de 52,6 em agosto para 51,8 em setembro, segundo dados calculados pela S&P Global em parceria com o Jibun Bank. A pesquisa mostrou que o crescimento de novos negócios perdeu ritmo em relação ao mês anterior, enquanto a demanda externa por serviços japoneses caiu pela primeira vez em 13 meses. Os prestadores de serviços também registaram uma redução nos níveis de emprego pela segunda vez nos últimos três meses no final do terceiro trimestre. A taxa de demissões foi a mais forte registrada desde janeiro de 2022. As pressões sobre os preços enfrentadas pelos fabricantes japoneses permaneceram elevadas durante o mês de setembro, à medida que a taxa de inflação dos preços de produção acelerou pelo segundo mês consecutivo, atingindo o máximo de quatro meses.

América Latina

Argentina

Cada vez mais perto das eleições que potencialmente mudarão bruscamente a governança dos vizinhos hermanos, nada de aumento de juros.

O Banco Central da República Argentina (BCRA) informou em comunicado que decidiu manter sua taxa básica de juros em 118%. A instituição não altera assim sua política monetária, apesar de a inflação ao consumidor mensal do país ter acelerado em agosto, com alta mensal de 12,4%, após a desvalorização que se seguiu ao resultado das primárias eleitorais. Em seu comunicado, o BCRA diz que a inflação foi impulsionada pela transmissão aos preços da maior volatilidade financeira vista na segunda metade do mês passado, bem como pela "recalibragem" do câmbio oficial.

Na visão do Banco Mundial, o problema inflacionário na Argentina está intimamente ligado à controlar os gastos. O economista-chefe do Banco Mundial para a América Latina e o Caribe (ALC), William Maloney, afirmou ontem que o controle das contas públicas é essencial para que a inflação perca força na Argentina. "A dolarização é útil para lidar com expectativas [de inflação], porque limita a possibilidade de impressão de dinheiro pelo banco central", disse Maloney ao detalhar o relatório "Conectados: tecnologias digitais para a inclusão e o crescimento", divulgado pelo Banco Mundial. "Mas, se você não acertar as contas fiscais, acaba com outras distorções, outros problemas." O Banco Mundial projeta queda de 2,5% do PIB argentino para este ano, mas calcula altas de 2,8% para 2024 e 3,3% para 2025, segundo o relatório divulgado pela instituição. Em junho, as estimativas eram respectivamente de queda de 2% e altas de 2,3% e 2%.

México

Atenção dobrada.

O Banxico manteve a taxa básica de juros em 11,25% ao ano, em decisão unânime. A autoridade monetária alertou que o "panorama monetário será complicado e incerto" no longo prazo, com riscos de alta. O BC elevou suas projeções para a inflação nos próximos anos e prevê que os preços só devem voltar à meta de 3% no segundo trimestre de 2025, retorno anteriormente previsto para o quarto trimestre de 2024. A instituição repetiu o comentário da última reunião de que pretende manter a taxa de juros por "período prolongado" e reforçou seu compromisso de obter uma redução sustentada dos preços. O comunicado também destaca que a decisão de manter os juros considerou que: o núcleo da inflação mexicana demonstra "resistência a diminuir"; o crescimento mundial aponta maior ritmo de expansão em 2023 do que o esperado; e a maior parte das principais economias desenvolvidas também decidiram manter suas taxas de referência, sinalizando que os juros permanecerão elevados por tempo prolongado. Segundo o Banxico, estes riscos se somam ainda a possibilidade de agravamento de tensões geopolíticas e, em menor medida, problemas de estabilidade financeira.

Brasil

No segundo trimestre deste ano, tivemos agradáveis surpresas com o desempenho da atividade econômica, porém, no terceiro trimestre, observamos sinais de acomodação. Setores sensíveis às taxas de juros, como o crédito para famílias, mostram desaceleração, assim como o mercado de trabalho, que apresentou um leve recuo na ocupação em agosto. Apesar disso, a taxa de desemprego permanece próxima às mínimas recentes.

No Brasil, o Banco Central realizou seu segundo corte de juros, reduzindo em 0,50 ponto percentual, e sinalizou que esse é o ritmo adequado para as próximas reuniões. No entanto, expressou preocupação com a execução das metas fiscais e seu impacto nas expectativas de inflação a longo prazo, indicando a necessidade de uma "atuação firme" por parte do BCB.

Em nossa perspectiva, o cenário de cortes de 0,50 ponto percentual parece adequado para atingir a meta de inflação e taxas de juros finais mais baixas. A queda recente na inflação é principalmente atribuída à normalização das cadeias globais e à redução dos preços dos alimentos, e esses efeitos estão se dissipando. A inflação de serviços em 2024 e além será influenciada pela ociosidade econômica, evolução dos salários e expectativas de longo prazo. O cenário de desinflação continua desafiador, apesar do cenário de curto prazo ainda benigno.

No que diz respeito à atividade econômica, os dados recentes indicam um mês de setembro mais forte do que agosto, o que deve resultar em um PIB excluindo a agricultura novamente positivo no terceiro trimestre. A desaceleração econômica está menos intensa do que o esperado, e a política monetária deve ficar menos restritiva no final do ano, contribuindo para uma retomada do crescimento econômico já no primeiro trimestre de 2024.

No âmbito fiscal, a agenda de arrecadação do governo está progredindo no Congresso, o que reforça o compromisso com as metas estabelecidas. No entanto, o Brasil enfrenta desafios adicionais devido à questão fiscal. Desde o início do ano, o governo tem traçado metas ambiciosas, mas as pressões para aumento de gastos persistem. A mudança da meta fiscal para 2024 já está sendo discutida, e a realidade é que o atual cenário fiscal depende do aumento da arrecadação, o que encontra resistência em um país com alta carga tributária.

Para os anos seguintes, a situação fiscal se complica ainda mais, pois as receitas não são recorrentes, e o arcabouço fiscal implica em menor crescimento de gastos, o que vai contra o ciclo eleitoral que se aproxima. Como resultado, a trajetória da dívida continuará crescendo, tornando o cenário fiscal desafiador.

Em relação à política monetária, a elevação dos juros nos Estados Unidos e a fragilidade fiscal doméstica podem dificultar o ciclo de corte de juros no Brasil, caso o ambiente de mercado se torne mais adverso.



Brasil

(.../.)

Neste momento, aproveitamos a baixa volatilidade dos ativos globais, mas reconhecemos que nossa economia está sujeita a adversidades. Se houver estresse nos mercados globais, nossa moeda pode sofrer mais devido à falta de margem para choques cambiais. Portanto, continuamos com uma postura conservadora em meio a um cenário turbulento.

Em resumo, nosso cenário atual é de cautela, mas também de busca por oportunidades. Estamos atentos aos desenvolvimentos econômicos e ajustando nossas estratégias de investimento de acordo. Mantemos a expectativa de um ambiente favorável para o crescimento do mercado de capitais e continuamos comprometidos em buscar as melhores oportunidades de investimento para nossos clientes.

Juros & Câmbio

O mês de setembro ficou marcado pela expressiva abertura de juros americanos, tornando o ambiente de investimentos ao redor do globo extremamente desafiador.

O principal título de dívida americano, o T10, considerado o "Pai dos Mercados", apresentou forte abertura, saindo de um Yield de 4,09% ao fim de agosto para 4,57% no fim de setembro.

Apesar do FED não ter elevado os juros, mantendo-os no intervalo entre 5,25% e 5,5%, o comunicado foi interpretado pelo mercado como Hawkish, ou seja, tendencioso a uma alta de juros, acarretando na alta dos yields descrita acima.

O apelido de "Pai dos Mercados" se dá pois sua volatilidade acaba influenciando todas as principais classes de ativos ao redor do globo. Naturalmente, o mercado de juros futuros brasileiros não ficou imune ao movimento, acarretando em abertura nos principais vértices.

Em território nacional, apesar do corte de 50bps na Selic, devido a um ciclo de juros mais avançado, o comunicado também foi tido com Hawk, já que enfatizou preocupações com a capacidade do governo de cumprir o arcabouço dentro das metas fiscais já estabelecidas e imputando risco para uma atividade mais resiliente que o anteriormente precificado.

Nesse cenário, marcado pela redução do diferencial de juros entre os EUA e demais nações, investimentos em moeda norte-americana se tornam muito mais atrativos, sob a ótica de risco x retorno. Dessa forma, o DXY, índice que mede a força do dólar frente outras moedas desenvolvidas, registrou alta de 2,45% no mês de setembro. No ano, a alta é de 2,6%.

Em relação ao real, o principal contrato futuro da moeda norte americana apresentou valorização de 1,13%, em 5.056,00. No ano, o desempenho é negativo em 9%.

Após forte desvalorização em agosto, o principal criptoativo, o Bitcoin, registrou ganhos de 4% frente a moeda americana, contribuindo para desempenho expressivo desde o início do ano, de +63%.

Moedas

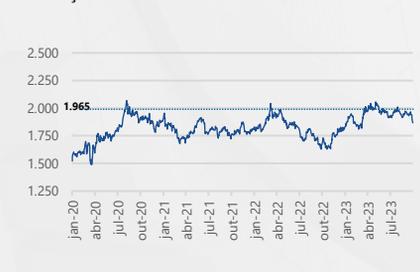
Dólar	5,01	1,74%
Euro	5,32	-0,96%
Libra	6,14	-2,24%
Yuan	0,69	0,98%
Iene	0,03	-1,03%
Lira Turca	0,18	-1,03%

Evolução Dólar



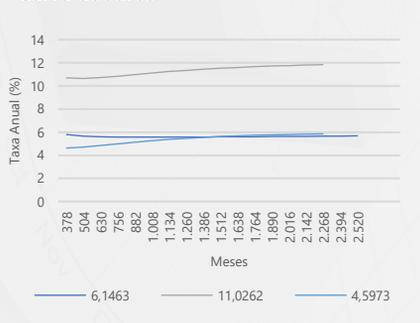
Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Evolução Ouro



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Curva de Juros



Fonte(s): Anbima. Elaborado pelo Aware Investments

Bolsas

Após queda expressiva no mês de agosto, o índice Ibovespa recuperou parte das perdas ao longo do mês de setembro, com ganhos de 0,7%. No ano, a valorização é de 6,23%.

Em relação ao EWZ, conhecido por "Ibovespa em dólares", a desvalorização mensal foi de 0,6%, levando a performance anual a +9,65%.

Apesar do ambiente conturbado, devido à alta volatilidade, indefinição no mercado de juros americanos e os tradicionais ruídos políticos domésticos, o principal índice brasileiro (em reais) foi capaz de se manter em terreno positivo devido, principalmente, ao desempenho dos papéis da Petrobras, altamente sensíveis as cotações de petróleo ao redor do globo, em valorização expressiva desde meados de junho.

Outro papel que permitiu a sustentação do índice Ibovespa foi VALE3, impulsionado, principalmente, pela recuperação das cotações de minério, após período extenso sob pressão. Por fim, Eletrobras, que também possui peso relevante no índice, contribuiu para o desempenho mensal do índice.

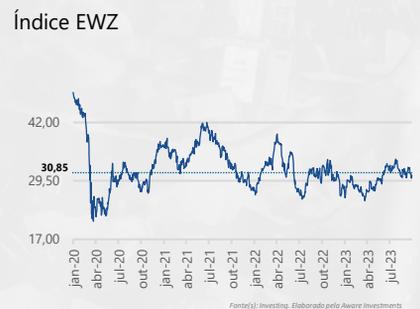
Com exceção dos papéis supracitados, grande parte das empresas negociadas na bolsa brasileira apresentaram desvalorização, pressionadas pelo ambiente externo desafiador.

Nos EUA, ao contrário do observado no Brasil, observamos desvalorização generalizada das ações, com o S&P 500 recuando 4,87%, muito pressionado pelo cenário de juros. No ano, o retorno permanece positivo em 11,7%. As ações de tecnologia acompanharam o S&P 500, com o Nasdaq Composite recuando 5,8%. Apesar do retorno mensal negativo, o índice de tecnologia permanece em alta de 26,3%, desde o início do ano.

Na Europa, também observamos o sentimento *risk off* prevalecer, em baixa de 2,85%, a medida que o BCE também deu sinais de que os juros permanecerão altos por mais tempo que o anteriormente precificado. No ano, o Euro Stoxx acumula ganhos de 10,04%.

Ainda no Velho Continente, a performance do FTSE (Inglaterra) destoou, em alta de 2,27%. No DAX, da Alemanha, observamos queda de 3,51%, enquanto o CAC, principal índice francês, registrou queda de 2,48%.

Índices		
Ibovespa	116.565,00	0,71%
S&P 500	4.288,05	-4,87%
Nasdaq	13.219,32	-5,81%
Euro Stoxx 50	4.174,66	-2,85%
Shanghai	3.110,48	-0,30%



Perspectivas

Em setembro, o sentimento pessimista que havia se instalado nos mercados continuou a predominar. Nosso cenário macroeconômico ainda se mostra desafiador, mas a inflação aos poucos converge para a meta. Entretanto, o cenário internacional se mostra bem mais complexo, tanto no aspecto financeiro quanto no cenário geopolítico. Neste mês, a política monetária foi o centro das discussões, e nos deu algumas pistas de como devem ser os próximos.

No Brasil, o COPOM, em decisão unânime, promoveu mais um corte de 0,5% na SELIC, trazendo a taxa para 12,75%. O BACEN tem atuado com cautela, evitando surpresas em suas decisões e comunicados. Na ata divulgada, os membros do COPOM avaliaram cortes na mesma magnitude como apropriados para manter o nível restritivo e continuar a convergência da inflação para o centro da meta. Nas próximas duas reuniões em 2023, acreditamos que o BACEN deve seguir com mais cortes de 0,5%. Apesar da melhora nos indicadores, a preocupação com o ambiente externo e as contas públicas permanece no radar dos investidores. Esse cenário pessimista deve continuar causando impactos negativos na bolsa de valores e nos juros futuros de médio e longo prazo. O câmbio deve permanecer pressionado, mais por fatores externos do que internos.

Nos EUA, o FED (Banco Central dos EUA) manteve sua taxa de juros inalterada na faixa de 5,25% a 5,5% ao ano, com uma decisão unânime entre todos os membros do Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC, na sigla em inglês). Em seu comunicado, o FED deu a entender que pode ainda promover mais um aumento até o final do ano. O principal objetivo da autoridade monetária norte-americana é controlar a inflação sem causar danos econômicos desnecessários que também aumentariam o desemprego. Nesse contexto, é provável que as taxas de juros permaneçam mais altas por mais tempo do que o previsto anteriormente. As Treasuries de 10 anos atingiram seu maior nível desde 2007 e, com isso, devem continuar a pressionar a renda fixa nos EUA. Os juros mais altos também têm impacto negativo no mercado de renda variável e tendem a fortalecer o DXY.

Na Europa, a inflação, em níveis elevados se comparados ao que normalmente se observa, contribuiu para a interpretação do mercado de que por lá, as taxas de juros ficarão altas por mais tempo, mas que possivelmente, foi a última elevação de juros desse ciclo. O Banco Central Europeu (BCE) aumentou as taxas de juros em 0,25 ponto percentual, para 4% neste mês, o nível mais alto desde o lançamento do euro, em 1999. Já o Banco Central da Inglaterra (BoE) decidiu manter a taxa em 5,25% ao ano, encerrando série de 14 aumentos consecutivos na taxa de juros inglesa. Sinais de uma política mais restritiva já são observados, e levaram a autoridade monetária a pausar o aumento para evitar maior impacto no mercado de trabalho e na economia em geral. Ainda devemos observar bastante volatilidade tanto na renda fixa quanto na renda variável, tanto na Europa quanto no Reino Unido.



Perspectivas

(.../.)

Na Ásia, nosso principal parceiro comercial apresentou dados decepcionantes no primeiro semestre. As taxas básicas de juros foram mantidas inalteradas pelo banco central chinês (PBoC) após a reunião mensal de política monetária. Esse movimento ocorreu em meio a uma forte expectativa do mercado por novos estímulos, contudo, traz um dilema para a China: salvar a economia ou salvar a moeda? Até que os estímulos resultem em dados mais positivos, devemos esperar volatilidade e certa cautela dos investidores, com o mercado chinês.



Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que dependemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your
investments

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

Sao Paulo • Rio de Janeiro • Belo Horizonte • Lisbon • Geneva

contato@awaregestao.com
www.awaregestao.com